

sangue novo

Chico Petracco vive o jazz entre o Brasil e os EUA

Joana Luna Camargo

Chico Petracco era criança quando foi ao cinema com os avós ver o filme *Up, Altas Aventuras*. Ao chegar em casa, sentou no piano e ficou ali procurando, entre as teclas, a valsa do filme de ouvido, nota por nota, até ter algo para tocar. “Fui mostrar para eles no dia seguinte. Primeiro ficaram desconfiados que a música não era assim, mas depois foram ouvir e era mesmo como eu toquei”, relembra.

A cena poderia parecer previsível para quem nasceu cercado pelo ambiente musical, já que é filho de Márcio Petracco, integrante da banda TNT, lenda do rock gaúcho, e também irmão do multi-instrumentista Pedro Petracco.

Mas Chico faz questão de lembrar que ficou quase dez anos sem tocar desde o primeiro contato com o instrumento até a adolescência, momento que o interesse foi redescoberto naturalmente.

As aulas de piano de fato começaram apenas em 2019, quando tinha 15 anos, com a pianista Elaine Foltran, que logo o apresentou à sua mestra Dirce Knijnik, uma das professoras mais respeitadas do meio musical do Rio Grande do Sul, falecida há dois anos. A conexão com Dirce o levou até Alessandra, que foi aluna dela e hoje é professora do Chico na University of North Carolina, na cidade de Greensboro. Antes, passou pela University of South Dakota, em Vermillion, onde chegou em 2023 com 18 anos e uma



Filho de nomes fortes da cena, Petracco foi aos EUA com 18 anos estudar piano

bolsa conquistada via audição. “Eu achava que falava inglês super bem. Até chegar lá e me dar conta de que não é bem assim. Para uma conversa mais informal, levou um tempinho”, admite.

Em menos de três anos nos EUA, acumulou uma lista de prêmios que inclui o primeiro lugar no XIII Concurso Internacional de Piano Edna Bassetti (2022), o Concurso Nacional de Piano Casa da Música e o Concurso Nacional Olhares da Cena (2023), além da competição da South Dakota

Music Teachers Association na categoria de piano universitário e o Concurso de Concerto da USD. Tocou como solista com orquestra no Festival de Música de Carazinho e com a Orquestra Sinfônica da USD. Suas referências pianísticas vêm principalmente do clássico, entre os nomes citados estão Nelson Freire, Arthur Moreira Lima, Guiomar Novaes; mas ele descreve seu gosto como eclético, transitando entre o erudito e o popular.

Quando volta a Porto Alegre, a rotina muda de tom. “Para

mim é muito emocionante tocar aqui, porque tu voltas e tocas com pessoas que tu já admiras, já tens contato, cruza pela cena fazendo coisas legais”, diz. Nessa pausa das férias de verão do hemisfério norte, toca aqui no hemisfério sul com a banda Wesley e os Lancasters, formada a partir de um encontro no clube da Dama do Jazz, Ivone Pacheco, o Jazz Take Five, com o baterista Luciano Bolobang, que o abordou depois de um show em que o pianista deu uma palhinha e propôs tocarem juntos. O grupo reúne ainda o baixista Antônio Nader, amigo de infância de Chico. O repertório parte de diversos gêneros: “Se for tentar dividir bem certinho o que é bossa, MPB, samba, funk, soul, no fim das contas são rótulos meio comerciais. É uma mistura de música de diáspora com raízes africanas.”

Sobre a capital gaúcha, o músico possui uma visão que equilibra o afeto e a lucidez. “É uma cidade de quem, às vezes, se fala muito mal, mas tem uma cena artística muito interessante”, pondera. Para o futuro próximo, a ideia é continuar nos EUA para o mestrado; depois disso, a Europa aparece como um possível destino, a exemplo de tantos jazzistas do passado.

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe do Jornal do Comércio traz dicas de como aproveitar a agenda cultural de fim de semana em Porto Alegre. Nesta edição, tem leitura dramática, muita música e até visita a prédios históricos. Confere aí!



Minha dica é chegar junto na Casa Mel, na Cidade Baixa, onde, às 18h deste sábado, acontece um encontro teatral instigante. Consagrados e premiadíssimos, Deborah Finocchiaro e Fernando Kike Barbosa se unem na leitura dramática *Podres de Ricos*, jogando luz sobre a extrema riqueza e suas mazelas na sociedade. Inspirada nas provocações de Noam Chomsky, a dramaturgia foi construída a partir de textos do sociólogo Antonio David Cattani, dialogando ainda com as visões potentes de Ailton Krenak. Após o espetáculo, tem bate-papo com Cattani e o elenco. Te agenda para prestigiar o talento dessa dupla e aproveita para fazer parte dessa provocação social tão atual.

Adriana Lampert,
repórter de Cultura-JC



Se tu também acredita que sempre cabe mais uma música do Djavan na trilha sonora da vida, já fica a dica. Pela primeira vez, o DJ Nyack traz a turnê *Djavaneio - A Festa* para a capital gaúcha. Natural de SP, Nyack já é velho conhecido dos gaúchos, com várias passagens por aqui, tanto solo quanto acompanhando artistas como Emicida. Agora, ele desembarca com um set especial de cinco horas, passeando pelos clássicos de Djavan e por versões que dialogam com sua obra. O encontro é Clube do Comércio, das 17h às 22h, com produção da Stay Black, Juba Cultural, Diskool e Clube do Comércio. Promessa de um encerramento de domingo com muita música e uma *vibe* incrível.

Júlia Fernandes,
repórter do GeraçãoE



Neste sábado, às 21h, o Opinião vai receber pela terceira vez o show de Duquesa, um dos grandes nomes do rap feminino brasileiro e que traz em suas músicas a liberdade e o empoderamento das mulheres. ‘Duque’ sabe como ninguém transitar entre o trap e o R&B, e sabe como ninguém subverter as expectativas do nicho, ocupando o espaço com a mesma ousadia que consagrou grandes nomes masculinos, mas com uma autenticidade inegociável que está revolucionando a cena. Para quem vai ao show pela primeira vez, já aviso: *Primeiro de maio* e *Fuso* são duas músicas que têm tudo para fazer o Opinião cair com tanta energia boa.

Fabiola Correa,
fotógrafa-aprendiz do JC



Uma das formas mais fascinantes de explorar o espírito de uma cidade é visitando e observando o seu patrimônio histórico. Quem gosta do assunto terá uma boa oportunidade de aumentar o seu encantamento por Porto Alegre neste sábado. A Cinemateca Capitólio vai abrir dois horários (um para crianças e outro para adultos) para uma visita guiada ao prédio que abriga o centro cultural, erguido nos anos 1920 e que carrega consigo muitas histórias ligadas às artes na Capital. É de graça, mas com vagas limitadas, então vá direto ao site da Sedac e acesse o formulário para inscrição. É uma viagem ao nosso passado que certamente vale a pena.

Igor Natusch, editor
de Cultura do JC